

## ENCONTRO COM BETTY FURNESS

BARBARA HAINES HOWETT

Era o ano de 1964, quando os turistas disputavam o famoso calçadão de Atlantic City com a Convenção Nacional Democrática.

Na ocasião, eu trabalhava como garçomete num restaurante muito frequentado, além de criar cinco filhos e ajudar meu marido com o nosso mais novo empreendimento - um jornal semanal. Portanto, apesar da minha euforia e da abundância de gorjetas, eu estava simplesmente exausta e só via a hora de tudo aquilo acabar.

Uma noite, aproximei-me da mesa de uma cliente sem muito entusiasmo. Ela era mais magra e delicada do que eu podia me lembrar dos anos em que passou abrindo e fechando geladeiras nos comerciais da década de 1950, mas a voz firme e agradável era inconfundível. A mulher que iria jantar ali sozinha era Betty Furness.

Seu jeito caloroso e amigável amenizou o meu espanto por ter de servir uma celebridade. Soube então que ela viera a Atlantic City para fazer a cobertura jornalística da Convenção Nacional Democrática para um programa de rádio. Quando trouxe sua conta, juntei coragem para lhe pedir uma entrevista para o nosso pequeno jornal de subúrbio. Ela aceitou, convidando-me para almoçar.

Dois dias depois, ao me aproximar do hotel onde ela se hospedava, eu me sentia ora exultante com a sorte que tivera, ora nervosa diante da perspectiva de entrevistar uma mulher que um dia já chegara a receber mil e trezentas cartas de fãs semanalmente.

Eu já sabia um bocado sobre o meu tema. Modelo de uma grande agência aos catorze anos e estrela de cinema aos dezesseis, ela acabou se tornando um sucesso nos palcos. Mas era mais conhecida pela carreira brilhante como a mulher número 1 em vendas em todo os Estados Unidos. O nome Betty Furness era sinônimo de eletrodoméstico.

Por isso, durante a entrevista, me surpreendi com sua eloquência:

- Nunca mais farei outro comercial de TV na minha vida ela afirmou.

Betty me explicou que, quando fechou pela última vez a porta de uma geladeira nos comerciais da década de 1960, ela estava determinada a seguir uma outra carreira, desta vez no campo dos noticiários.

- Eu sabia que o mundo estava cheio de informações e que as pessoas estavam ávidas por elas - contou-me Betty. - Queria fazer parte disso.

E, no entanto, apesar de trabalhar nos noticiários da CBS, ela só ouvia-lhe dizerem que, tecnicamente, ela não era uma repórter.

- Isso era o que eu mais queria ser, mas a imprensa e o público se recusavam a levar a sério o meu desejo de fazer noticiários.

Havia alguma coisa na história dela que me pareceu extremamente familiar. Todo mundo me via como uma "simples garçomete", não como uma escritora. "Escritor é quem escreve", as pessoas diziam. Mas quando eu teria o dinheiro, o tempo, a força e a perseverança suficiente para me transformar

no que eu queria - alguém como essa mulher, que tivera três carreiras pelas quais a maioria das mulheres daria tudo e que agora buscava uma outra para se realizar plenamente.

Mas a medida real do caráter dela, as "dimensões" do mundo dessa mulher, revelou-se no seu comentário final.

- Toda a minha vida se baseou numa única filosofia. Tenha o trabalho que tiver, faça-o da melhor forma possível e você acabará topando com as oportunidades certas de fazer o que realmente quer.

Nos anos que se seguiram a esse maravilhoso encontro com Betty, pude vê-la colocar sua sabedoria em prática. Pouco tempo depois da convenção, sua incrível força de vontade e sua visão positiva levaram-na a conseguir uma nova e desafiadora carreira como assistente especial de Lyndon Johnson para assuntos relacionados ao consumidor. Ela progrediu mais ainda e tornou-se chefe do Conselho de Proteção ao Consumidor em Nova York e membro da comissão encarregada dos assuntos ligados ao consumidor. Quando ouvi essa notícia, lembrei-me da filosofia dela e desejei-lhe felicidades.

Nos últimos anos, costumo vê-la toda noite no canal 5 de Nova York, como a primeira repórter de TV sobre assuntos relacionados ao consumidor. Rio em reconhecimento quando ela comenta sobre fabricantes de lençóis que não cabem nos colchões. Fiquei satisfeita quando soube através dela o que de fato continham alguns remédios comprados sem receita médica. E uma das suas reportagens mais recentes era típica de Betty: como se proteger dos hospitais - isso enquanto ela mesma entrava e saía de hospitais para se tratar de um câncer.

Ao longo dos anos, continuei estudando as palavras de Betty, que eu anexeï à sua foto autografada. Coisas extraordinárias aconteceram na minha vida depois que me empenhei em colocar essas palavras em prática - algumas depois reforçadas pelo especialista em mitologia Joseph Campbell, que escreveu: "Siga a sua brisa interior e portas se abrirão onde antes não havia portas." Empregos que eu nunca quis ou imaginei que um dia teria passaram a ser apaixonantes, caminhos inesperados levaram-me a lugares com que nunca sonhei. Tudo começou aos trancos e barrancos. Passei de garçonnete a gerente de relações públicas de um hospital, de repórter de jornal a editora associada de várias revistas, de consultora editorial a instrutora internacional - até finalmente realizar meu sonho de ser escritora profissional.

No dia em que vi o obituário de Betty soube que, aos setenta e seis anos, ela recebera o título de "a repórter mais idosa da TV". Enquanto lia sobre a vida dela e suas realizações, voltei à época daquela entrevista, quando ela contou seus segredos para mim. Mal sabia eu a grande dádiva que estava recebendo dessa generosa mulher que, naquele dia, percebera minha frustração.

Lembro-me dos participantes da convenção passando rapidamente por mim, enquanto eu pensava que minha vida não era exatamente o que eu pretendia. No entanto, eu tive a oportunidade de entrevistá-la, não tive? Tenha o trabalho que tiver, faça-o da melhor forma possível e você acabará topando com as oportunidades certas de fazer o que realmente quer.

Sim, ao longo dos anos tínhamos perseguido nossos sonhos separadamente e encontrado nossas oportunidades. Foi preciso talento, visão, comprometimento, perseverança e, o que é mais importante, uma fé inquebrantável de que podíamos reinventar a nós mesmas.

Mas tudo começou naquele momento, ali nas ruas de Atlantic City. Respirando fundo, forcei passagem entre a multidão, deixando um pouco de lado minhas ideias piramidais para a matéria que eu queria escrever aquela noite sobre Betty Furness.

Primeiro, eu tinha um trabalho para fazer da melhor maneira possível. Precisava alimentar minha família.